

## Última aula oficial do prof. Cândido Baptista

(5 de junho de 1997, na Escola Secundária Sebastião e Silva)

---



**Cândido Alves Antunes Baptista**, licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas, foi professor do ensino oficial durante 37 anos. Nos últimos 20 destes 37 anos, pertenceu aos quadros da Escola Secundária Sebastião e Silva. Ao longo da sua carreira, lecionou na Covilhã, Santarém, Dili (onde foi Vice-Reitor do Liceu e Diretor da Escola Industrial e Comercial), Castelo Branco, Abrantes, Tomar e Oeiras.

A nosso pedido, ofereceu-nos, escrita, a última lição oficial que proferiu na Escola Secundária Sebastião e Silva antes de se aposentar. Orgulhamo-nos de a guardar no baú das nossas recordações.

### A nova fronteira humana

1. Há quarenta anos (tempo curto em termos de história social, tempo longo em termos de história individual), quando a minoria privilegiada da minha geração frequentava uma das três universidades do País (quantas são hoje?) e eu iniciava a vida ativa, milhões de portugueses podiam dizer-se vizinhos da *Morgadinha dos Canaviais* e d'*As Pupilas do Senhor Reitor*. Os cenários, as situações e as personagens de Júlio Dinis (e as de Camilo e Eça) pouco se haviam alterado. O país profundo mantinha-se rural nos costumes e nas instituições. Os ecos de um mundo em acelerada mutação após a Segunda Guerra Mundial e envolvido já na 3ª revolução industrial pareciam nada ter a ver connosco. Portugal, repetia-se até à exaustão, era um caso à parte, um oásis de tranquilidade num Planeta positivamente enlouquecido. Tudo certinho à superfície: ordem nas ruas, paz nos espíritos. Até que, de súbito, o vulcão rebenta. Uns após outros, no curto espaço de pouco mais de uma década, um milhão de portugueses dispersa-se por linhas de montagem e estaleiros de construção civil de uma Europa em rápida recuperação e crescimento económico, sob o impulso do plano Marshall e da dialética bipolar da guerra fria. As aldeias portuguesas esvaziam-se, a velha agricultura fenece. Quase em simultâneo, iniciam-se as guerras em África. E este País periférico, à beira-mar plantado, semi-parado no tempo, meio adormecido à sombra de antigas glórias, que não conhecera nem as convulsões da revolução industrial nem os escombros da 2ª Guerra Mundial, acabou por ser tocado pelos ventos da mudança. A dinâmica da história não se compadece com razões particulares, por mais pertinentes que pareçam ser.

A vida dos indivíduos e dos povos é indissociável do contexto que os cerca. Permanecer só, num tempo de globalização, equivale a preparar a tragédia. No jogo complexo das linhas que tecem a história, ela não deixava de ser previsível. Aqui, como em muitos outros campos, a verdade (parafraseando Bachelard) é bem o limite das ilusões perdidas.

2. Muita coisa pode caracterizar o século XX, mas que ele foi, seguramente, o tempo das mais radicais transformações operadas no decurso da história está fora de questão. Desde o início da revolução industrial que a história deixara de andar a passo de mula ou ao ritmo da caleche e da diligência para deslizar à velocidade cada vez mais acelerada da máquina. Ora, todo o tempo de mudança é tempo de crise, de insegurança, de perplexidade, contradição, vertigem. Ao nosso tempo, mais que ao de Vieira, cabem com inteira justiça as suas palavras: *"o pai não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda"*.

O progresso não se faz sem rupturas e elas aí estão. Deita-se um povo a pensar no nó górdio de uma certa política ultramarina e, mal acorda, encontra-se integrado na Europa. Num ápice, caem impérios, afundam-se ideologias, desfazem-se e refazem-se fortunas, alteram-se modas e valores.

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança.  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades.*

Mal imaginava o Poeta o que seria quatrocentos anos depois. Olhando só para a última década, tempo vivido por todos nós, a viragem foi tão rápida e global que já nem damos pelo insólito. Folheia-se um jornal de há oito anos e lê-se sem espanto: *"Após 70 anos de partido único, primeira oposição parlamentar na União Soviética"*. Ou (no mesmo jornal): *"A invenção vem de Inglaterra – preservativos estão programados para dar música aos utentes"*.

Subitamente, tudo se tornou possível. O que se considerava permanente, virou precário. O que se tinha em segurança, de repente, perdeu-se. Com a mudança instalou-se a crise, a resistência, o choque. É a crise dos valores, a resistência do statu quo, o choque de culturas, apanhando na mesma onda indivíduos, grupos, classes, instituições, nações, continentes, o mundo inteiro. Para onde vamos?

Nunca houve tanta capacidade técnica de intervenção. Já se fotografam as luas de Neptuno. Já se enviam mensagens sonoras para eventuais habitantes de outros planetas. E ainda se morre de fome no planeta Terra.

Nunca houve tanta riqueza acumulada. Contudo, só em Paris (diz a comunicação social) os excluídos do crescimento económico são mais de dois milhões. Afinal, o crescimento do produto interno bruto não é, por si só, indicador de progresso. *"É preciso dizer em voz alta o que todos sabem (clamava há dois dias Victor da Cunha Rego, no Diário de Notícias): o desemprego gera capital"*.

Os rios correm para o mar. E o homem? O homem. Este animal inquieto e indefinido, sujeito e destinatário da história. Enquanto coletivo e enquanto singular. Prefiro o singular, o concreto. Este ser de carne e osso. Um corpo, um rosto, uma voz, um nome no mundo. Com os seus sonhos, os seus fantasmas, a sua coragem ou loucura, enfrentando tanques na Praga de 68 ou na Pequim de 89. Um rosto, na floresta de rostos – montras de luxo, fachadas douradas, janelas da alma, espelhos dos outros. Um corpo na selva de corpos que se acotovelam, se esmagam, se desejam, se dão. Corpos em fúria de viver, corpos explorados, cansados, dourados. Corpos-crianças de Biafras e Angolas sem fim. Corpos de jovens fuzilados no cemitério de Santa Cruz, nas ruas de Díli. Corpos que se expõem, se vendem, se compram como mercadoria de primeira ou de saldo. Corpos a mais, material a mais, lixo amontoado em Auschwitz e Dachau, lixo reciclado em fornos crematórios. Corpos no mundo. Pessoas no mundo. Mais de cinco mil milhões de pessoas no mundo.

O mundo é o palco, o horizonte, a fronteira, onde cada homem se constrói, se destrói, se inventa, se destina. Para onde vai o mundo? Para onde corre o homem?

Para a civilização do bem-estar, do prazer e do lazer – consideram uns. Ilusão – reconhecem outros. O homem está perdido, chegou ao fim. Matou a própria alma, fugiu de si, alienou-se. A vida social e política tornou-se espetáculo, *marketing, show off*. Desceu o sentido do ético. Em compensação, cresceu o formalismo legal, o culto da máscara, o estético. Foi-se o espírito crítico, o poder da razão; ficaram as massas, as multidões fanatizáveis e as centrais mais ou menos visíveis que as manipulam e comandam.

Caminharemos a passos apressados para o fim da história? Não no sentido que lhe dá Fukuyama, mas naquele que lhe emprestam seitas milenaristas e outras cassandras da desgraça?

Alvin Toffler, o bem conhecido autor de *O Choque do Futuro* e *A Terceira Vaga*, entende que não, apesar de todos os sinais de crise que ressaltam do quotidiano. "*Há um odor doentio no ar*", escreve. "*É o cheiro de uma civilização de Segunda Vaga moribunda*". Mas vem aí a Terceira Vaga e esta -- diz ele -- "*é para os que pensam que a história humana, longe de terminar, está apenas a começar*".

**3.** Estaremos no crepúsculo ou na aurora da civilização? Vimos de um longo e dramático processo histórico. O futuro é sempre incerto. E, todavia, as linhas que a ele conduzem estão definidas. O presente contém o passado e já contém o futuro.

De dia para dia, os horizontes de experiência do homem alargam-se e novas perspectivas se rasgam em todas as direções. E tudo, no jogo das origens, por causa da revolução tecnológica -- revolução que o eclodir do moderno espírito científico possibilitou.

Ora, o sinal mais marcante da revolução científica é o seu carácter explosivo. Quer isto dizer que uma descoberta científica desencadeia novas descobertas, numa progressão alucinante. A passagem da

teoria à prática, ou da ciência à técnica, processa-se no mesmo ritmo. Entre a teoria da máquina a vapor e a sua aplicação ao tear mecânico e ao comboio ainda medeiam muitos anos. Mas da fissão do átomo à primeira bomba atômica só decorrem cinco anos. Entre a primeira e a segunda revolução industrial vai um século. Entre a Segunda e a terceira, cinquenta anos. Hoje, estamos já na era pós-industrial, na *Terceira Vaga*, conforme a expressão de Alvin Toffler. A *Primeira Vaga* ocorreu há dez mil anos, com a invenção da agricultura; a *Segunda*, há duzentos anos, com a revolução industrial; a *Terceira* é o futuro que se anuncia, que já está aí, com a eletrónica a transformar a produção e os serviços, a fazer a automação, a computadorizar bancos, escritórios e milhentos outros sectores da atividade humana, a criar ambientes inteligentes, a possibilitar a aventura espacial, a revolucionar o mundo da informática e das comunicações através de bancos de dados, satélites artificiais, micro e tele-impressoras, tele-fax, etc., etc.

Que futuro vem aí, quando já andam no ar satélites capazes de fotografar cada centímetro da Terra? Quando a engenharia genética, decifrado o código do ADN, está apta a criar formas de vida inteiramente novas? Quando a micro-eletrónica se torna a indústria de ponta das sociedades tecnologicamente mais avançadas?

Não há dúvida: respiramos técnica, vivemos técnica. E as previsões que se fazem de uma radical modificação das condições de vida nos tempos mais próximos, a partir das novas tecnologias, já não são uma utopia mas uma certeza. As sociedades conhecerão profundas alterações no urbanismo, nas estruturas sociais e políticas, na organização da produção, nas relações de trabalho, nos tempos de lazer.

Não será exagero afirmar que uma tecnologia cada vez mais avançada acabará por presidir, literalmente, aos destinos do homem e da história. Uma mentalidade do progresso técnico faz ver, aliás, que só no acumular de conquistas tecnico-científicas estará a salvação da humanidade. Contudo, ao lado deste otimismo, uma correlação muito íntima poderíamos encontrar entre sociedades tecnologicamente avançadas e inconformismo, contestação, violência, auto e hetero-marginalização. Os movimentos *hippies* dos anos sessenta, o Maio de 68, as *Brigadas Vermelhas*, o hooliganismo, o aumento explosivo do consumo de drogas duras são fenómenos que não surgem por acaso. É que, para além dos seus benefícios, a civilização do progresso técnico é devoradora. Produziu sociedades de consumo, mas à custa da exploração descontrolada dos recursos naturais, da poluição generalizada, de desastres ecológicos, de chuvas ácidas, de buracos na camada de ozono, de lixo tóxico e radioativo. Trouxe bem estar material mas também a massificação, o ressentimento, vidas vazias, urbanismos selvagens, universos concentracionários. Criou paraísos artificiais para minorias dominantes e o terror de genocídios em massa, quando não a possibilidade sempre latente de um holocausto coletivo.

Evidentemente que, se tal acontece, a culpa não é da técnica. A técnica é do domínio do ter. É um meio, um instrumento que possibilita ao homem alargar o seu poder de ação. Nessa medida, tanto pode ser colocada contra o homem como ao seu serviço. No primeiro caso, a técnica torna-se um valor negativo; no segundo, um valor positivo, o mais marcante da civilização contemporânea.

Seja como for, o progresso técnico é um dado adquirido, para o bem e para o mal. Por força dela eis que a nova fronteira humana já excede os limites do próprio planeta. Por força dela e da economia global que ela gerou, a vida internacionalizou-se e os problemas também.

4. *“Eu sou eu e a minha circunstância”*, dizia Ortega e Gasset. Ora, a circunstância do homem atual, por força ainda do próprio desenvolvimento tecnológico, já nada tem a ver com aquela que envolvia os seus avós. Ontem, eram os limites estreitos da aldeia; hoje, o mundo inteiro é uma aldeia. O homem é cada vez mais cidadão desta *aldeia global* em que toda a Terra se transformou. Não lhe podem, por isso, ser indiferentes, viva em Oeiras, Nova Iorque ou nos confins da China, a destruição da Amazónia, a queda do muro de Berlim, os circuitos internacionais da droga ou a subida das ações na bolsa de Tóquio. Num mundo onde todas as fronteiras se abatem (as do espaço e as do espírito), Chernobyl fica aqui ao lado. E o fanatismo de um Khomeini ou as matanças de Tianamen e do cemitério de Santa Cruz em Díli também nos dizem respeito.

Decididamente, a era das sociedades fechadas acabou. A tendência, progressivamente acentuada, para a construção de uma realidade humana indiferenciada, num todo histórico sem compartimentos estanques, é irreversível.

A multiplicidade e disparidade de culturas expressas nos mais diversos tipos de sociedade e modos de vida orienta-se para a unidade, numa dialética de contrários simultaneamente positivos e negativos. Teilhard de Chardin, um dos grandes visionários do século, escrevia há umas décadas atrás: *“será mais fácil a terra deixar de mudar do que a humanidade, tomada no seu conjunto, deixar de se unificar e organizar”*.

É certo que um longo caminho terá ainda de ser percorrido antes que este ideal de ordenação e integração se cumpra. Os fatores de desagregação são muitos. O caminho, porém, está traçado. A consciência da solidariedade universal cresce e vai tomando corpo. No meio de contradições, certamente. Mas a contradição, como dizia Hegel, é a alma da história e do universo em devir.

5. A Revolução Francesa de há duzentos anos (um dos pilares da contemporaneidade) com todas as suas contradições, o seu idealismo, a sua loucura sangüinária, apresenta-se ao mundo com uma trilogia de valores. A novidade não era inteira, já que a mensagem cristã, muitos séculos antes, a continha. Mas só agora a dinâmica histórica criava as condições objetivas para que aqueles valores pudessem ser levados à prática. O século XIX acentuará o primeiro termo da trilogia: é o tempo da liberdade, nomeadamente da liberdade de explorar. O século XX procurará realizar a igualdade ou a ilusão dela, através das diversas formas do Estado social. Hegel impunha-se. Marx e Keynes suplantavam Quesnay e Adam Smith.

Quase entrados no século XXI, chegou o momento de cumprir o terceiro termo da trilogia revolucionária, sem o que a liberdade e a igualdade não passarão de conceitos vazios e opostos – inconciliáveis e irrealizáveis. Chegou a hora da fraternidade. Tarefa difícil de cumprir? Se falhar, não restam dúvidas: a história aproxima-se do fim.

6. As grandes forças da civilização ocidental (que já não é mais ocidental, mas universal) nascem na velha Grécia, são absorvidas pelo poder de síntese da Roma antiga, reestruturam-se de uma forma nova com o Cristianismo, recebem um impulso decisivo com os Descobrimentos e o Renascimento, e chegam até nós numa evolução não destituída de crises. Ninguém contesta, por evidente, que aquilo que deu grandeza e universalidade à chamada civilização ocidental foi uma certa filosofia de vida, uma certa maneira de encarar o homem que se traduziu, na prática, na lenta democratização das sociedades e na progressiva humanização do trabalho. Historicamente, porém, esses velhos sonhos de uma humanidade em transe e em trânsito só passaram da utopia ao ato com o nascimento das ciências modernas (criação original do espírito europeu) e a explosão das técnicas subsequentes.

O crescimento espetacular da ciência e da técnica deu ao homem mais saber e sobretudo mais poder. Ora, se o saber liberta, todo o poder corrompe, desde que não seja acompanhado por um contra-poder que, no caso vertente, só poderá advir do crescimento do próprio ser. O homem precisa do ter para ser, mas não pode, sem o risco de perder-se, identificar o ser com o ter. Ora, o *homo technicus*, irmão gémeo do *homo economicus*, tende exatamente para isso. Aqui reside a questão nuclear da civilização contemporânea. Não valem pelo que temos, mas pelo que somos. O homem atual ou cresce também nos domínios do ser e faz sua, verdadeiramente sua, uma civilização da qual, mesmo que quisesse, não poderia afastar-se (ou afastá-la) ou é triturado por ela.

Têm as novas gerações consciência disto? Espera-se que sim, já que é condição *sine qua non* de sobrevivência da própria espécie que essa consciência cresça e alastre.

É preciso construir uma nova sabedoria e uma nova *praxis*. A dialética do senhor e do escravo, materializada historicamente na luta do homem contra a natureza e na exploração do homem pelo homem, tem que tornar-se coisa do passado. A vida no presente-futuro, mais que vontade de domínio, exige equilíbrio de forças, coexistência, fraternidade. Fraternidade entre os homens, fraternidade ainda com a totalidade do universo. Porque tudo está ligado. Não somos só irmãos uns dos outros. Somos também parentes das florestas que queimamos, dos elefantes que dizimamos, do ar envenenado que respiramos, dos rios onde já não nos banhamos, dos mares que transformamos em cloacas imundas. Quando esta lição for aprendida, então “o amor e a verdade hão de encontrar-se, a justiça e a paz de novo se darão as mãos”.

Trabalhar durante 37 anos com sucessivas gerações de jovens (e de gente menos jovem) deixa marcas profundas. Dir-se-á que isso acontece com todas as profissões. Mas há algo de profundamente

específico na função docente. O agente educativo não lida com coisas. O seu compromisso é com a vida e no exato momento em que ela se revela mais perturbadoramente misteriosa, quando tudo permanece em aberto, quando a experiência ainda não embotou a sensibilidade, quando o canto brota espontâneo dos corações, quando se está possuído de todas as audácias e se sonha conquistar e remodelar o mundo. Ser professor é como assistir e participar por dentro no silencioso crescer da árvore, numa trajetória de aventura onde nada ainda está definido, onde tudo é provisório e possível, porque o que conta é o futuro. Ser professor ao longo de 37 anos é compreender a mudança como algo que faz parte da própria essência da vida e reconhecer, todavia, que para lá de todas as mudanças o que é verdadeiramente importante permanece.

É bom, é útil, é necessário que o aluno aprenda história e matemática e muitas coisas mais. Todo o professor orienta a sua ação nesse sentido. Contudo, o que marca o educando de uma forma decisiva é a descoberta que ele fará, ou deixará de fazer, dos valores que dão sentido à vida. A essencialidade do ato educativo está aqui. Todo o professor sabe, por intuição, que a sua atividade poderá ser tudo menos redutora. Mudam as gerações e aparentemente parece que tudo se alterou. A experiência acumulada de muitos anos revela-nos o contrário: acontecem sempre as mesmas coisas sob diferentes maneiras. Os momentos que mais lembro como professor e ser humano foram aqueles em que, fazendo um parêntesis na atividade estritamente docente, compartilhei os problemas dos alunos, nas suas pequenas ou grandes angústias existenciais.

É esta partilha, esta capacidade de humanismo, feita de muita paciência, disponibilidade e sobretudo de muita compreensão e amor que torna esta profissão, apesar de tudo, gratificante. Marca-nos o ser e deixa marcas no ser dos outros.

5/6/97

Cândido Baptista